

# Jornalista faz minishopping

Um dos mais tradicionais redutos do comércio clandestino do Congresso é o Comitê de Imprensa da Câmara. Diariamente, uma verdadeira romaria de vendedores desfila entre as máquinas do comitê, oferecendo livros, balas, assinaturas de revista, queijo, roupas, cremes de beleza, bijuterias e até lingerie. Os ambulantes fizeram escola e hoje muitos jornalistas conciliam a reportagem política com as vendas aos colegas.

Nem sempre conciliar é possível. Ao ter que optar entre continuar trabalhando como repórter e vender sanduiche natural a seus colegas, Marina Godói não teve dúvidas: deixou "temporariamente" o jornalismo e passou a frequentar o comitê de imprensa como vendedora.

Pela manhã, Marina trabalha no Itamarati e à tarde, depois de preparar exatos 58 sanduiches de atum, ricota e presunto, vende-os nas salas de imprensa da Câmara, do Ministério da Fazenda e do Palácio do Planalto. "Pretendo voltar a trabalhar em jornal, mas só quando tiver juntado dinheiro suficiente para conhecer a Europa", diz ela.

Disciplinada, Marina não falta um dia às vendas e garante que está ganhando muito mais do que se fosse para qualquer jornal local. Ela revela que muitos colegas jornalistas já lhe propuseram uma sociedade, mas ela tem preferido ficar sozinha. "A minha pessoa vende muito bem, porque eu conheço todo mundo. E o difícil é vender", diz Marina, que já cobriu o Ministério da Fazenda para o jornal O Estado de S. Paulo e o Palácio do Planalto para o Estado de Minas.

A repórter Gisele Arthur, do Jornal do Brasil, não precisou abandonar o jornalismo para exercer seu talento de comerciante. "Adoro vender", afirma Gisele, que começou a exercitar esta vocação quando acompanhava, como jornalista, os trabalhos da Constituinte. Ela vendia inicialmente bijuterias e hoje vende roupas.

Gisele revela que em outubro de 1987 chegou a vender 600 brincos em 30 dias e em dezembro do mesmo ano, no auge dos trabalhos de elaboração da nova Carta, também liquidou seu estoque. "Em dezembro o pessoal estava naquele sufoco, sem tempo para nada, e a maioria comprou os presentes de Natal de mim", conta Gisele.

Em maio deste ano, o seu carro foi arrombado no Setor Comercial Sul e ela perdeu NCz\$ 1 mil em roupas. Apesar do prejuízo, Gisele diz que nunca vai parar de vender. "Eu adoro, e consigo vender qualquer coisa. Só não vendo minha mãe e meu namorado", diz Gisele.